# UM TESOURO CHAMADO NORDESTE: AFETOS, TERRITÓRIOS E SABERES NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

**Antonio Iago Freire De Sousa**[1]
**Ana Clara Lourenço Dos Santos**[2]
**Kauan Ermeson Da Silva Justino**[3]
**Janaina Campos Lobo**[4]

**RESUMO**

O projeto de extensão Um Tesouro Chamado Nordeste nasceu com o propósito de aproximar a universidade dos territórios vivos do Maciço de Baturité (CE), valorizando os saberes tradicionais e fortalecendo os laços entre comunidade e academia. Inspirado na política pública Cultura Viva, o projeto rompeu com o modelo burocrático de extensão, promovendo uma atuação afetiva, participativa e transformadora. As ações envolveram oficinas culturais, contações de histórias, rodas de memória e um seminário de cultura popular, mobilizando mestres da cultura, brincantes, crianças e jovens em processos formativos baseados na escuta e no diálogo. A metodologia adotada foi centrada na oralidade, na criação coletiva e na transmissão intergeracional de saberes. Entre os impactos observados, destacam-se o fortalecimento da identidade cultural local, o reconhecimento dos mestres populares como sujeitos de saber e a ressignificação da prática extensionista na universidade. A experiência reafirma a cultura como campo legítimo de produção de conhecimento e instrumento estratégico de transformação social.

**Palavras-chave:** Educação; Popular; Comunidade; Cultura Viva.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Palmares, Discente, iagosousaunilab1@gmail.com[1]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Palmares, Docente, claralourenco2752@gmail.com[2]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Palmares, Discente, ermesonkauan@aluno.unilab.edu.br[3]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Palmares, Docente, janaina.lobo@unilab.edu.br[4]


**ISSN: 2447-6161**

## INTRODUÇÃO

O projeto de Extensão Um Tesouro Chamado Nordeste nasceu da necessidade de aproximar a universidade dos territórios vivos, em especial do Maciço de Baturité, região marcada por memórias coletivas, afetos e uma rica diversidade cultural. A experiência rompeu com o modelo de "extensão de gabinete", restrito a relatórios e práticas burocráticas, ao consolidar uma extensão afetiva, enraizada e transformadora, em diálogo com a política pública do Cultura Viva. Nesse percurso, o projeto se configurou como um movimento de (re)encantamento dos laços entre universidade e comunidade, semelhante às narrativas da mitologia popular nordestina, em que figuras como a Mãe d'Água, os caboclos encantados ou o boi mítico reaparecem ciclicamente, renovando a vida cultural e reafirmando pertencimentos coletivos. A vivência mostrou que os mestres da cultura popular, os brincantes e a juventude não ocuparam uma posição passiva no processo formativo, mas se constituíram como sujeitos de saber, portadores de epistemologias próprias e práticas que produzem conhecimento. Como afirma Paulo Freire (1996, p. 25), "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". Foi nesse horizonte de diálogo horizontal que o projeto se fortaleceu, compreendendo a cultura não apenas como expressão estética, mas como prática de resistência, memória viva e campo legítimo de produção de saberes.

## METODOLOGIA

A metodologia adotada foi participativa, centrada na escuta, no diálogo e na valorização dos saberes tradicionais. Durante a execução do projeto, foram realizadas as contações de histórias e rodas de memória, realizadas pelo grupo Baú de História. Em cada atividade, o grupo mobilizou narrativas da tradição oral e histórias populares, envolvendo crianças, jovens e adultos em um espaço de escuta e encantamento. A oralidade se tornou ponte entre gerações: os mais velhos compartilharam lembranças e causos do território, enquanto os mais novos se reconheceram como herdeiros e continuadores dessas memórias.

Assim, o Baú de História não apenas animou momentos culturais, mas também fortaleceu a transmissão intergeracional e o sentimento de pertencimento comunitário, reafirmando a palavra como instrumento de resistência e preservação dos saberes locais. As oficinas artísticas e culturais se configuraram como espaços de criação coletiva e troca de saberes, valorizando práticas tradicionais e contemporâneas. Foram realizadas oficinas de construção de brinquedos populares, nas quais crianças e jovens aprenderam, junto aos Brincantes da Caravana, a confeccionar peças simples com materiais acessíveis, resgatando brincadeiras tradicionais quase esquecidas.

As oficinas de danças e ritmos nordestinos mobilizaram o corpo como território de memória, reunindo passos de coco, ciranda, forró e outros ritmos que expressam a identidade regional. Já a oficina de fantoche estimulou a imaginação e o teatro popular, possibilitando que os participantes criassem personagens inspirados em histórias locais. Para concluir as atividades, foi realizado um Seminário de Cultura Popular, que se revelou um grande sucesso de participação e engajamento. O seminário reuniu mestres, brincantes, estudantes e comunidade em um espaço de compartilhamento de experiências, debates e apresentações culturais. Foram discutidas práticas tradicionais, histórias locais e estratégias de preservação da cultura popular, fortalecendo os laços entre universidade e território. O evento também proporcionou visibilidade às ações desenvolvidas pelo projeto, celebrando o protagonismo dos participantes e reafirmando o papel da extensão universitária como agente de valorização e circulação dos saberes populares.


ISSN: 2447-6161

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os impactos da experiência se manifestaram em diferentes dimensões:

• Na comunidade: houve fortalecimento da identidade cultural, reconhecimento dos mestres populares, estímulo ao protagonismo da juventude e criação de espaços de pertencimento;
• Na universidade: a prática extensionista foi transformada, com estudantes e docentes reconhecendo que o conhecimento não está apenas nos livros, mas também nos territórios;
• Na política cultural: o projeto reafirmou a importância do Cultura Viva como modelo de extensão universitária comprometida com a diversidade, a participação social e a base comunitária.

## CONCLUSÕES

O Tesouro Chamado Nordeste mostrou que a extensão universitária precisa ser mais do que uma atividade complementar: deve ser uma prática viva, afetiva e transformadora. Ao se enraizar no Maciço de Baturité, a universidade se deixou atravessar pelos saberes da comunidade, superando o distanciamento da extensão de gabinete. A experiência evidenciou que cultura e afeto, quando tratados como política de base comunitária, fortalecem identidades, criam pertencimento e ampliam horizontes formativos. Além disso, reforçou a importância do Cultura Viva como política pública que reconhece e valoriza as expressões culturais locais, promovendo a participação social, a preservação de saberes tradicionais e a articulação entre Estado, comunidade e universidade, demonstrando que a cultura pode ser um instrumento estratégico de inclusão, reconhecimento e transformação social.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos, com profundo reconhecimento, a todos os mestres e mestras da cultura popular do Maciço de Baturité, cujos saberes, generosidade e resistência inspiraram cada etapa deste projeto. Às comunidades que nos acolheram com afeto e confiança, nosso sincero agradecimento por compartilharem suas histórias e vivências. Estendemos também nossa gratidão aos estudantes, brincantes e parceiros do grupo Baú de História e da Caravana Cultural, pela dedicação e sensibilidade durante as atividades. Por fim, agradecemos à universidade e às políticas públicas de cultura, em especial ao programa Cultura Viva, por possibilitarem a construção de uma extensão universitária verdadeiramente enraizada, afetiva e transformadora.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
BRASIL. Ministério da Cultura. Programa Cultura Viva: política pública de base comunitária. Brasília: MinC, 2010. Disponível em: http://www.cultura.gov.br
. Acesso em: 02 set. 2025.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

**ISSN: 2447-6161**